VIII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA
ISSN: 2317-0018
Universidade Estadual de Maringá
29 a 30 de Novembro de 2018

**AS FORMAS DE MAL-ESTAR DECORRENTE DO PACTO NARCÍSICO NO
TRABALHO CONTEMPORÂNEO E O FAZER ARTÍSTICO COMO MEIO
ALTERNATIVO DOS DESLOCAMENTOS PULSIONAIS**

Heloísa Amboni de Oliveira, (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil); Marco Antonio Rotta Teixeira (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil).

contato: heloisaamboni@gmail.com

Palavras-chave: Narcisismo. Trabalho. Pós-modernidade. Psicanálise. Psicossociologia.

Esta pesquisa através do método teórico e conceitual, busca compreender as formas de mal-estar decorrentes do pacto narcísico na relação com o trabalho contemporâneo e propor o fazer artístico como meio alternativo para atender as exigências de deslocamentos pulsionais através da sublimação, com vistas a permitir uma distribuição mais variada da libido, se pautando em contribuições psicanalíticas e psicossociológicas para explicar o processo inconsciente em relação ao trabalho que afeta a esfera social do sujeito, como a sua relação com a família, lazer, amigos, etc.

A ideia da discussão acerca do campo do trabalho surgiu com a frequente reflexão que a Psicologia vem realizando, dando enfoque aos aspectos da saúde psíquica do trabalhador. Na pesquisa, o trabalho foi abordado como uma criação do capitalismo e do projeto moderno para alcançar o almejado lema de ordem e progresso, que Segundo Pellegrino (1983), exigia do trabalhador uma submissão ao penoso e uma renúncia das pulsões.

O trabalhador se sacrificaria nessa atividade designada a ele, pois isso era uma forma de possuir dignidade, de conquistar o seu espaço na civilização, por isso para Teixeira (2010), o trabalho é o aspecto fundamental para a realização do projeto de modernidade. É por ele que os sujeitos vão contribuir para o alcance do ideal coletivo de uma sociedade ordenada e progressista. É desse modo que o trabalho vai conquistar o lugar de centralidade na vida do indivíduo através da Modernidade. Porém esse espaço adquirido vai acarretar algumas consequências para o sujeito.

A partir de Pellegrino (1983), podemos citar uma outra função atribuída ao trabalho na Modernidade, o de concretizar o Pacto Social. Este juntamente com o trabalho tem sua função de confirmar a renúncia primígena dos impulsos já realizada no Pacto Edípico. Portanto, para Teixeira (2010), o trabalho é a forma que o sujeito concretiza a sua aceitação do princípio de

VIII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

29 a 30 de Novembro de 2018

realidade e abandona a ideia de onipotência, se torna a porta de entrada para a cultura e essa inserção ocorre apenas pelo meio da renúncia pulsional, pela confirmação do Pacto Social.

Dessa forma, é cognoscível que o trabalho funciona como um meio de compensação da renúncia pulsional do Pacto Social, no qual ele renuncia seus impulsos e em troca disso, recebe o âmbito do trabalho para se inserir na cultura, desviando então os impulsos para uma finalidade socialmente aceita e úteis: o trabalho, Santi (2005). Porém, há questionamentos sobre em qual ponto esse papel designado ao trabalho torna-se problemático na subjetividade pós-moderna.

Através dos conceitos intitulados por Freud (1914) sobre o narcisismo, a pesquisa explica como e por que as relações na pós-modernidade vão ser tateadas pelo aspecto narcísico, focando principalmente nas relações sujeito-trabalho. Apesar de superarmos o narcisismo primário de Freud, a fantasia do eu onipotente infantil, há um fator presente na nossa cultura que faz com que esse abandono nunca seja absoluto. Isso se concretiza por conta da eterna cobrança do perfeito, da sucessão, realizada pela sociedade.

Para Freud (2004[1904]), o desenvolvimento do eu se caracteriza pelo afastamento do narcisismo primário e dá a possibilidade de uma forte tentativa de recuperação desse estado. Esse afastamento é ocasionado pelo deslocamento da libido em direção a um ideal do eu imposto de fora, sendo a satisfação provocada pela realização desse ideal. A busca por esse ideal do eu imposto de fora pode acontecer também por meio do tipo da escolha objetal, sendo ela de cunho narcísico. Segundo Freud (1914), a pessoa escolheria um objeto no qual conteria algo que faltaria para o seu eu se tornar um ideal do eu, ela ama aquilo que possui o mérito que falta ao Eu para torná-lo ideal.

Portanto, o sujeito ama outro objeto reconhecendo esse não como algo externo a ele, com suas próprias características, mas sim como algo incorporado a ele, como se fossem um só, para assim o Eu se tornar completo e fortificado. Essa escolha objetal vai ser importante na pós-modernidade pois esse período é permeado por uma onda de angustia e desamparo, colocando o eu em um estado inferior.

Podemos dizer a partir de Birman (2001), que a pós-modernidade foi dada sobre o individualismo construído na modernidade, onde o eu, assume uma direção eminentemente narcísica. A razão científica torna-se a marca distintiva do homem, o que lhe oferece soberania e autonomia, o sujeito desafia o criador e se põe de maneira soberana na cena do mundo. No modernismo, movimento crítico da modernidade, existe uma inversão nos eixos

VIII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

29 a 30 de Novembro de 2018

que norteavam a modernidade, com seus efeitos, os reinos do eu e da razão são postos em questão, a soberania e a autonomia dada ao ser humano, caem por terra. Freud foi um dos responsáveis pelo descentramento do eu, com sua descoberta da inconsciência, sendo as outras permeadas pela revolução Copernicana e Darwinista. Temos agora que terra não é mais o centro do mundo, o eu, faz parte de uma linhagem, e é regido pelo inconsciente do qual não temos autonomia sobre.

Diante disso, o modernismo revela o que estava oculto na modernidade. Ele lança o ser humano em uma experiência de desamparo, destrói as ilusões da soberania humana, por isso a produção da modernidade é o desamparo, e este virou a forma de ser do sujeito no mundo. Birman (2001), apresenta com a tese de Lacan que esse desamparo é resultado também da morte da figura do Pai, da figura paterna divina. Essa transformação gerou essa subjetividade desamparada.

Decorrente desse sentimento crescente da impotência do eu, da fragmentação da subjetividade que acarretou num autocentramento voltado para a dimensão estética, onde o olhar do outro ganha destaque, surge o meio para se estruturar uma base para a emergência de uma cultura narcísica. Essa cultura vai produzir um fechamento narcísico defensivo. Por conta desse vazio na subjetividade, desse sentimento de impotência, o eu, se torna fragilizado e vai buscar os atributos que estão lhe faltando, e é optando pela escolha objetal narcísica que isso vai ocorrer.

A relação então que a pesquisa vai trazer é a da relação narcísica do sujeito-trabalho, sendo baseada por sentimentos ambivalentes de amor e ódio. Para Pages et al. (1987), esse sentimento de ódio vai gerar uma agressividade e angustia por consequência da dependência que o sujeito com seu eu fragilizado vai sentir pela organização fortificada. Essa dependência vai remeter aquela da infância, onde o bebê se sentia dependente em relação a sua mãe. Para se defender desse sentimento de agressividade e angustia, o sujeito vai desenvolver um desejo agressivo de onipotência, projetando-o na organização. Com isso, o indivíduo vai produzir uma imagem do seu eu fortificado, grandioso, se identificando com a organização e encobrindo a imagem do eu pequeno e fraco.

Essa agressividade vai ser exteriorizada para os componentes da organização e para o próprio sujeito, de modo em que ele vai procurar estar sempre a frente daqueles que estão na mesmo cenário no trabalho, vai ter todos como concorrentes, vai ter como dever eliminar a imagem do eu fraco, se vencendo diariamente, construindo cada vez mais sua imagem de

VIII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

29 a 30 de Novembro de 2018

possuidor do poder. Segundo Pages et al. (1987, p. 152), o indivíduo vai desenvolver formas de prazer do tipo sadomasoquista. Com isso ele vai se submeter completamente a trabalhar para a organização, tendo ela como algo dele próprio. Busca-se pelo trabalho a perfeição que o sujeito deseja para seu eu, o poder da empresa, seu sucesso, seu dinheiro, tudo se torna também qualidades do sujeito. Essa concepção é problemática pois segundo Pages et al. (1987), quanto maior a satisfação narcísica obtida por meio da organização, maior será a aceitação das pressões exercidas pela carga de trabalho, e maior será o tempo destinado para organização. É nesse momento que a organização se transforma em uma droga, sendo intitulada como organização-droga.

A organização passa a interferir tanto na esfera física quanto psíquica do sujeito. Ela o capta por meio das satisfações narcísicas que ela possibilita se apropriando de toda a subjetividade do indivíduo, forçando-o a criar laços afetivos com a organização. Não existem mais investimentos libidinais em planos coletivos, na pós-modernidade o plano de investimentos do sujeito se volta somente a ele e a organização, focando na ascensão da sua carreira no trabalho. A partir disso, podemos analisar a ideia de que se no cenário dos anos 70, Pages constatou uma relação objetual narcísica com a organização em multinacionais pós-modernas, representando um começo de um processo de ligação narcísica com o trabalho em uma cultura do narcisismo que se iniciaria com as organizações, poderíamos pensar que hoje essa ligação estaria depositada no trabalho de maneira geral, como objeto narcísico independente das organizações.

Diante dessa centralidade dada ao trabalho e a problemática dos investimentos libidinais voltados totalmente para este campo propomos nesta pesquisa investigar a possibilidade do recurso sublimatório (a partir do conceito freudiano de sublimação). Esse conceito foi delimitado como o processo de dessexualização das pulsões para a realização de componentes culturais aceitáveis. Freud menciona que a sublimação possibilitaria um deslocamento das pulsões para diversos outros campos alternativos ao sexual, campos estes que em uma disposição perigosa, ajudariam a alcançar a eficiência psíquica. Para Freud (1905[1901]) o fazer artístico representaria esse campo alternativo.

Portanto, a ideia é que diante do conceito de sublimação para Freud, o sujeito não mais deslocaria totalmente seus impulsos renunciados para o campo do trabalho em busca de satisfação, mas sim equilibraria esses deslocamentos com uma nova possibilidade, o fazer artístico, gerando assim uma satisfação com mais qualidade e maior distribuição da libido,

VIII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

29 a 30 de Novembro de 2018

dando a oportunidade para o indivíduo recuperar sua subjetividade apropriada pela organização e também recriar seus laços afetivos coletivos.

Referências

BIRMAN, J. **Arquivos do mal-estar e da resistência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 32-54.

BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FREUD, S. Introdução ao Narcisismo (1914). In: _____. **Obras Completas Volume 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia, e outros textos**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. À guisa de introdução ao narcisismo. (1914) In: **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2004. Vol. 1, p. 95-131.

FREUD, S. **Um caso de histeria, Três ensaios sobre sexualidade e outros Trabalhos**. 1901-1905. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume VII. Imago Editora. 2006. Rio de Janeiro.

SANTI, P. Consumo e desejo na cultura do narcisismo. São Paulo. Vol. 2. N 5. nov. 2005.

PAGÈS, M. et al. A organização e o inconsciente. In: _____. **O poder das organizações**. São Paulo: Atlas, 1987. p. 143-185.

PELLEGRINO, H. Pacto edípico e pacto social. In: **Folhetim da Folha de São Paulo**. São Paulo: 11 set.1983.

TEIXEIRA, M. O pacto social e o significado do trabalho na modernidade. In: **Psicologia e trabalho: desafios e perspectivas**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2010, p. 485-508.